

TRADUÇÃO

ESTAMOS LUTANDO PELA JUSTIÇA?¹

*Simone Weil*²

*Enio Paulo Giachini*³

“O exame do que é certo só se realiza quando há igual necessidade de ambos os lados. Onde há um forte e um fraco, o possível é executado pelo primeiro e aceito pelo segundo”.

Assim consta no Tucídides dos atenienses que vieram dar um ultimato à infeliz cidadezinha de Melos.

E eles acrescentam: “Em relação aos deuses temos a crença, em relação aos homens a certeza, que sempre, por necessidade da natureza, cada um manda por tudo onde tenha o poder para tal”.

Expressaram assim em duas frases a totalidade da política realista. Só os gregos daquela época sabiam conceber o mal com essa lucidez maravilhosa. Eles já não amavam o bem, mas seus pais, que o amavam, transmitiram sua luz a eles. Eles o usaram para conhecer a verdade do mal. Os homens ainda não haviam entrado na mentira. É por isso que não foram os atenienses, mas os romanos, que fundaram um Império.

Essas duas frases são as que chocam as almas boas. Mas até que um homem tenha experimentado a verdade disso em carne, sangue e alma inteira, ele ainda não pode ter acesso ao verdadeiro amor da justiça.

Os gregos definiram admiravelmente a justiça por consentimento mútuo.

“O amor, diz Platão, não faz nem sofre injustiça, nem entre os deuses nem entre os homens. Pois ele não sofre à força, quando sofre alguma coisa; pois a força não se apodera do Amor. E ele não age pela força, quando age; pois cada um consente em obedecer ao Amor em todas as coisas. Onde há acordo por mútuo consentimento, há justiça, dizem as leis da cidade real”.

¹ Texto extraído do livro *Ecrits de Londres et dernières lettres* (1957, p. 40-51), disponível em: <http://docplayer.fr/145878834-Simone-weil-philosophe-francaise-1957.html>

² Escritora e filósofa francesa.

³ Doutor em Filosofia pela UFRJ. Professor da FAE Centro universitário. *E-mail*: enio.giachini@bomjesus.br

Daí a oposição entre o justo e o possível nas palavras citadas por Tucídides é muito clara. Quando há força igual de ambos os lados, buscam-se as condições para o consentimento mútuo. Quando alguém não tem a capacidade de recusar, não procuramos um método para obter o seu consentimento. Apenas as condições que respondem às necessidades objetivas são então examinadas; buscamos apenas o consentimento da matéria.

Em outras palavras, a ação humana não tem outra regra ou limite além dos obstáculos. Ela não tem contato com outras realidades além delas. A matéria impõe obstáculos que são determinados pelo seu mecanismo. É provável que um homem imponha obstáculos por um poder de recusa, que às vezes ele possui e às vezes não. Quando não o possui, não constitui um obstáculo, nem, por conseguinte, um limite. Em relação à ação e a quem a realiza, ele não tem existência.

Sempre que há ação, o pensamento leva à finalidade. Sem os obstáculos, o fim seria alcançado tão logo se pensasse. Às vezes é assim. Uma criança vê sua mãe ao longe depois de uma ausência, e está em seus braços quase antes de saber que a viu. Mas quando a realização imediata é impossível, o pensamento, a princípio fixado no fim, é inevitavelmente desafiado por obstáculos.

É solicitado apenas por eles. Onde esses não existem, ele não para. O que na questão de sua ação não constitui um obstáculo — por exemplo, homens privados da faculdade de recusa — é transparente para ela como um vidro completamente transparente ao olhar. Não depende dela parar por aí, assim como não depende do olhar de ver o vidro.

Quem não vê uma vidraça não sabe que não a vê. Aquele que, estando situado de outra forma, o vê, não sabe que o primeiro não o vê.

Quando nossa vontade é traduzida para fora de nós por meio de ações realizadas por outros, não gastamos nosso tempo e atenção examinando se eles consentiram com isso. Isso é verdade para todos nós. Nossa atenção, inteiramente dedicada ao sucesso do empreendimento, não é solicitada por eles enquanto forem dóceis.

Isso é necessário. Se fosse de outra forma, as coisas não seriam feitas, e se as coisas não fossem feitas, pereceríamos.

Mas por isso a ação é manchada de sacrilégio. Porque o consentimento humano é sagrado. É o que o homem concede a Deus. Ele é o que Deus vem buscar como um mendigo entre os homens.

O que Deus continuamente implora a cada homem para conceder é exatamente o que outros homens desprezam.

Estupro é uma caricatura hedionda de amor do qual o consentimento está ausente. Depois do estupro, a opressão é o segundo horror da existência humana. É uma caricatura feia de obediência. O consentimento é essencial para a obediência como é para o amor.

Os carrascos da cidade de Melos eram pagãos, no sentido odioso da palavra, enquanto seus pais não o eram. Em uma frase eles definiram completamente e perfeitamente a concepção pagã. “Acreditamos nos deuses que sempre, por necessidade da natureza, cada um comanda onde quer que o possa fazer”.

A fé cristã é apenas o grito da afirmação contrária. O mesmo se dá com as antigas doutrinas da China, Índia, Egito e Grécia.

O ato da Criação não é um ato de poder. É uma abdicação. Por este ato foi estabelecido um reino diferente do Reino de Deus. A realidade deste mundo é constituída pelo mecanismo da matéria e pela autonomia das criaturas racionais. É um reino do qual Deus se retirou. Deus, tendo renunciado a ser seu rei, só pode chegar lá como um mendigo.

A causa desta abdicação, Platão a enuncia do seguinte modo: “Ele era bom”.

A doutrina cristã inclui a noção de uma segunda abdicação. “... Estando na condição de Deus, ele não considerou a igualdade com Deus como um despojo. Ele se esvaziou. Assumiu a condição de escravo... Humilhou-se a ponto de ser feito obediente até a morte... Embora sendo Filho, o que sofreu ensinou-lhe a obediência”.

Estas palavras poderiam ser uma resposta aos atenienses assassinos de Melos. Eles os teriam feito rir. Eles teriam razão. Eles são absurdos. Eles são loucos.

No entanto, por mais que o conteúdo dessas palavras seja absurdo e louco, seria proporcionalmente absurdo e louco alguém se impor a necessidade de buscar consentimento onde o poder de recusa não existe. É a mesma loucura.

Mas Ésquilo disse de Prometeu: “É bom amar a ponto de parecer louco”.

A loucura do amor, quando se apodera de um ser humano, transforma completamente as modalidades de ação e pensamento. Ela está relacionada com a loucura de Deus. A loucura de Deus consiste em necessitar do livre consentimento dos homens. Homens loucamente apaixonados por seus semelhantes têm dificuldade em pensar que em todo o mundo os seres humanos servem de intermediários para a vontade dos outros sem ter consentido com isso. É intolerável para eles saber que muitas vezes isso acontece com seus próprios desejos e com os desejos dos

grupos aos quais pertencem. Em todas as suas ações e pensamentos relativos aos seres humanos, qualquer que seja a natureza da relação, cada homem, sem exceção, aparece para eles como constituído por uma faculdade de consentir livremente com o bem pelo amor, uma faculdade aprisionada na alma e na carne. Não são doutrinas, concepções, inclinações, intenções, vontades que transformam assim o mecanismo do pensamento humano. É preciso loucura.

Um homem sem dinheiro, roído pela fome, não pode ver sem dor nada relacionado à comida. Para ele, uma cidade, uma vila, uma rua nada mais são do que restaurantes e lojas de comida, com casas vagas ao redor. Andando por uma rua, se ele passa por um restaurante, é impossível para ele não parar por um tempo. Não há, no entanto, ao que parece, nenhum obstáculo à marcha. Mas há obstáculo um para ele, por causa da fome. Os outros transeuntes, que passeiam distraídos ou cuidam de seus negócios, circulam por essas ruas como se estivessem ao lado de um cenário. Para ele, cada restaurante, pelo efeito desse mecanismo invisível que o torna um obstáculo, possui a plenitude da realidade.

Mas a condição disso é que ele esteja com fome. Nada disso acontece se ele não tiver um desejo nele que lhe rói o corpo.

Os homens atingidos pela loucura do amor precisam ver a faculdade do livre consentimento florescer em todos os lugares deste mundo, em todas as formas de vida humana, em todos os seres humanos.

O que isso pode fazer com eles?, pensam as pessoas razoáveis. Mas não é culpa deles, coitados. Eles são loucos. Seu estômago está fora de controle. Eles têm fome e sede de justiça.

Como todos os restaurantes para o pobre faminto, para eles todos os seres humanos são reais. Só para eles. É sempre um jogo particular de circunstâncias ou um dom particular de personalidade que desperta nas pessoas normais o sentimento de que tal ou tal ser humano realmente existe. Esses lunáticos podem dirigir sua atenção para qualquer ser humano colocado em qualquer circunstância e receber dele o choque da realidade.

Mas para isso devem ser loucos, que carregam dentro de si uma necessidade tão destrutiva para o equilíbrio natural da alma quanto a fome pelo funcionamento dos órgãos.

A multidão de seres privados do poder de conceder ou negar o consentimento não tem, em seu conjunto, a menor chance de chegar ao ponto de alcançar sua posse,

sem alguma cumplicidade nas fileiras daqueles que comandam. Mas não existe tal cumplicidade, exceto entre os loucos. E quanto mais loucura há abaixo, mais provável é que apareça por contágio da loucura acima.

Na medida em que a qualquer momento há loucura de amor entre os homens, nessa medida existe a possibilidade de mudança na direção da justiça, e nada mais.

É preciso ser cego para opor justiça à caridade para acreditar que seu domínio é diferente, que um é mais amplo, que existe uma caridade, além da justiça, ou uma justiça abaixo da caridade.

Quando as duas noções se opõem, a caridade nada mais é do que um capricho de origem muitas vezes vil, e a justiça nada mais é do que constrangimento social. Quem desconhece isso ou nunca se encontrou em uma dessas situações em que há qualquer licença para a injustiça, ou então se estabeleceu na mentira a ponto de pensar que poderia facilmente praticar a justiça ali.

É certo não furtar. É caridade dar esmolas. Mas o lojista pode me mandar para a prisão. O mendigo, mesmo que sua vida dependa de minha ajuda, se eu recusar, não me denunciará à polícia.

Muitas controvérsias entre a direita e a esquerda se reduzem à oposição entre o gosto pelo capricho individual e o gosto pela coação social; ou mais exatamente, talvez, entre o horror do constrangimento social e o horror do capricho individual. Nem a caridade nem a justiça estão interessadas nisso.

A justiça tem por objeto o exercício terreno da faculdade do consentimento. Conservá-lo religiosamente onde quer que exista, tentar fazer aparecer as suas condições onde falta, é amar a justiça.

A única e tão bela palavra de justiça encerra todo o significado das três palavras do lema francês. A liberdade é a possibilidade real de conceder o consentimento. Os homens só precisam de igualdade em relação a ela. O espírito de fraternidade consiste em desejá-lo a todos.

A possibilidade de consentimento é proporcionada por uma vida que contém motivos de consentimento. A destituição, as privações da alma e do corpo impedem que o consentimento possa ocorrer no segredo do coração.

A expressão de consentimento só é essencial em segundo lugar. Um pensamento não expresso é imperfeito, mas se for real, pode encontrar seu caminho indiretamente para a expressão. A expressão à qual nenhum pensamento corresponde é uma mentira, e há sempre, em toda parte, a possibilidade de uma mentira.

Sendo a obediência de fato a lei imprescritível da vida humana, resta apenas estabelecer uma diferença entre a obediência consentida e a obediência não consentida. Onde há obediência consentida, há liberdade, e em nenhum outro lugar.

Não é em um parlamento, em uma imprensa, em qualquer instituição que a liberdade pode residir. Está na obediência. Onde a obediência não tem em toda parte um sabor diário e permanente de liberdade, não há liberdade. A liberdade é o sabor da verdadeira obediência.

As formas e expressões de consentimento variam muito a depender das tradições e ambientes. Assim, uma sociedade composta por homens muito mais livres do que nós pode, se for muito diferente de nós, parecer despótica à nossa ignorância. Desconhecemos que existem diferenças de linguagem e possibilidades de interpretações errôneas fora do domínio das palavras. E mantemos essa ignorância em nós, porque lisonjeia em todos nós um gosto vergonhoso e não reconhecido pelas conquistas que escravizam sob o pretexto da libertação.

Por outro lado, há um certo tipo de devoção ligada à escravidão que, longe de ser um sinal de consentimento, é o efeito direto de um sistema de coação brutal; pois no infortúnio a natureza humana busca desesperadamente compensação em qualquer lugar. Ódio, indiferença sombria, apego cego, tudo é igualmente bom para ele escapar do pensamento do infortúnio.

Onde há liberdade, há florescimento de felicidade, beleza e poesia; talvez seja a única marca certa disso.

O pensamento democrático contém um grave erro, que é confundir o consentimento com uma certa forma de consentimento, que não é a única, e que pode facilmente, como qualquer forma, ser uma forma vazia.

Nossa democracia parlamentar foi vã, pois ao escolher alguns de nossos líderes os desprezamos, nos ressentimos daqueles que não escolhemos e obedecemos a todos com relutância.

O consentimento não é vendido ou comprado. Portanto, quaisquer que sejam as instituições políticas, em uma sociedade onde a troca de dinheiro domina a maior parte da atividade social, onde quase toda a obediência é comprada e vendida, não pode haver liberdade.

Assim como a opressão é análoga ao estupro, a dominação do dinheiro sobre o trabalho, levada até o ponto em que o dinheiro se torna o motivo do trabalho, é análoga à prostituição.

Entusiasmo não é consentimento, é arrastamento superficial da alma. É consentir com o que o apego doentio de um devasso a uma mulher viciosa é para a união conjugal.

Onde não há outros motivos conhecidos além de coerção, dinheiro e um entusiasmo cuidadosamente nutrido e estimulado, não há possibilidade de liberdade.

Agora, com proporções diferentes, é quase o caso hoje de todos os países da raça branca e de todos aqueles em que a influência da raça branca penetrou.

Se a Inglaterra, em grande medida, é uma exceção, é porque nela ainda há um pouco de um passado vivo e intacto. Este passado, presente através dela, foi por um momento o único vislumbre de salvação para o mundo. Mas não existe tal tesouro em nenhum outro lugar.

A liberdade infelizmente não é para nós uma coisa próxima, um objeto familiar que teria sido roubado de surpresa. É algo que precisa ser inventado.

Nós, franceses, anteriormente lançamos no mundo os princípios de 1789. Mas erramos em nos orgulhar disso. Porque nem então nem depois soubemos pensá-los ou colocá-los em prática. A sua memória deve antes aconselhar-nos a humildade.

É verdade que a humildade parece um sacrilégio quando se trata da pátria. Mas esta proibição coloca uma barreira entre o patriotismo moderno e o espírito de justiça e amor. O espírito do fariseu envenena na fonte todo sentimento do qual a humildade é excluída.

O patriotismo moderno é um sentimento herdado da Roma pagã, e que chegou até nós, através de tantos séculos cristãos, sem termos sido batizados. Por isso mesmo, não está de acordo com o espírito dos princípios de 1789; eles não podem ser ajustados juntos na verdade, como seria indispensável para os franceses.

Do jeito que está, pode endurecer alguns homens ao sacrifício supremo, mas não pode alimentar as multidões desesperadas de hoje. Eles precisam de algo que não seja cornelianiano, que seja próximo, humano, caloroso, simples e sem orgulho.

Para que a obediência seja consentida, deve, acima de tudo, haver algo para amar, por cujo amor os homens consentem em obedecer.

Uma coisa para amar, não por ódio ao que é contrário, mas em si mesma. O espírito de obediência voluntária vem do amor, não do ódio.

O ódio fornece, é verdade, uma imitação às vezes muito brilhante, mas mesmo assim medíocre, de má qualidade, pouco durável, que se desgasta rapidamente.

Algo para amar não por sua glória, seu prestígio, seu brilho, suas conquistas, sua influência, sua futura expansão, mas em si mesmo, em sua nudez e sua realidade, como uma mãe cujo filho ingressou na Politécnica ama primeiro algo nele. Caso contrário, o sentimento não é profundo o suficiente para ser uma fonte permanente de obediência.

Você precisa de algo que as pessoas possam amar naturalmente, do fundo de seus corações, de seu próprio passado, de suas aspirações tradicionais, e não por sugestão, propaganda ou contribuição estrangeira.

É preciso um amor embriagado naturalmente com leite, e que leva os adolescentes a concluir de uma vez por todas, no mais secreto de seus corações, um pacto de fidelidade do qual toda uma vida de obediência é apenas a extensão.

As formas de vida social devem ser calculadas de modo a lembrar constantemente à população, na linguagem simbólica mais inteligível para ela, mais condizente com seus costumes, tradições e apegos, o caráter sagrado dessa fidelidade, o livre consentimento de onde ela surgiu, as rigorosas obrigações que dele decorrem.

Deste ponto de vista, na França, a República, o sufrágio universal e o sindicalismo independente são absolutamente essenciais. Mas isso está infinitamente longe de ser suficiente, pois essas coisas se tornaram indiferentes e não começaram a despertar interesse novamente até um longo intervalo de tempo depois de terem sido destruídas.

Quanto ao Império, se as indicações que precedem contêm verdade, obrigam rigorosamente, sob pena de mentir, a colocar todos os problemas relativos às colônias sob uma luz absolutamente diferente daquela que se faz.

Não encontraremos liberdade, igualdade, fraternidade sem uma renovação das formas de vida, uma criação em questões sociais, uma explosão de invenções.

Mas parece que estamos exaustos demais para um surto.

Os homens como um todo chegaram moralmente a esse grau de doença em que parece haver apenas cura milagrosa. Milagroso, isto é, não impossível, mas possível apenas sob certas condições.

As condições sob as quais uma alma pode ser aberta à graça são de um tipo diferente daquelas de uma operação mecânica. Mas elas são fixadas com ainda mais rigor. É ainda mais impossível encontrar qualquer ardil, qualquer engano, que permita evitá-las.

Não é fácil lutar por justiça. Não basta discernir qual é o campo da menor injustiça e, tendo ido para lá, pegar em armas e expor-se às armas inimigas. Certamente isso é lindo, mais do que as palavras podem dizer. Mas, por outro lado, fazemos exatamente o mesmo.

Também é necessário ser habitado pelo espírito de justiça. O espírito de justiça nada mais é do que a flor suprema e perfeita da loucura do amor.

A loucura do amor torna a compaixão um motivo muito mais poderoso do que grandeza, glória e até honra, para qualquer tipo de ação, incluindo combate.

Ela nos obriga a abandonar tudo pela compaixão e, como diz São Paulo de Cristo, a nos esvaziar.

Em meio ao sofrimento injustamente infligido, faz com que o consentimento se submeta à lei universal que expõe todas as criaturas deste mundo à injustiça. Este consentimento salva a alma do mal; tem a virtude milagrosa de transformar, na alma onde se realiza, o mal em bem, a injustiça em justiça; através dele o sofrimento, aceito com respeito, sem baixeza ou revolta, torna-se algo divino.

A loucura do amor tende a discernir e a estimar igualmente, em todos os círculos humanos sem exceção, em todos os lugares do globo, as frágeis possibilidades terrenas de beleza, felicidade e plenitude; querer preservá-las todas com igual cuidado religioso; onde faltam, querer aquecer com ternura os menores vestígios dos que existiram, os menores germes dos que podem nascer.

A loucura do amor penetra em um lugar do coração mais profundo do que a indignação e a coragem, no lugar onde a indignação e a coragem extraem seu vigor, uma terna compaixão pelo inimigo.

A loucura do amor não procura se expressar. Mas irradia irresistivelmente em sotaque, tom e maneira, através de todos os pensamentos, todas as palavras e todos os atos, em todas as circunstâncias e sem exceção. Torna impossíveis os pensamentos, palavras e ações através dos quais não pode irradiar.

Realmente é uma loucura. Ele corre para riscos que não se pode correr se alguém deu seu coração a qualquer coisa neste mundo, seja uma grande causa, uma Igreja ou um país.

O resultado a que a loucura do amor levou o Cristo não é, afinal, uma referência para ela.

Mas não precisamos temer seus perigos. Ela não habita em nós. Se ela morasse ali, isso seria sentido. Somos pessoas razoáveis, como parece certo que devem ser aqueles que se preocupam com os grandes assuntos deste mundo.

Mas se a ordem do universo é uma ordem sábia, às vezes deve haver momentos em que, do ponto de vista da razão terrena, só a loucura do amor é razoável. Esses momentos só podem ser aqueles em que, como hoje, a humanidade enlouqueceu por falta de amor.

Será algo certo que hoje a loucura do amor não é suscetível de suprir as multidões infelizes, cujo corpo e alma estão famintos, com alimentos muito mais fáceis de digerir do que inspirações de uma fonte inferior?

E nesse caso, do jeito que estamos, temos certeza de estarmos em nosso lugar no campo da justiça?